

(per)curso

# HISTÓRIAS PARA QUEM DORMIR?

Um (per) curso com oito encontros para nos fazer pensar as histórias de ninar  
(ou dos filmes da Disney) são “histórias para quem dormir?”



(per)curso

# HISTÓRIAS PARA QUEM DORMIR?



ATREVA-SE!

O que as princesas modernas nos contam sobre rede de apoio, afeto e solidão?

## Apresentação

Esse é um projeto do Movimento Atreva-se! Mais um projeto para nomear, combater e rir da cara do patriarcado.

O Movimento Atreva-se se dedica a criar ferramentas e estratégias para nomear e combater o machismo cotidiano, para que um dia a gente possa tirar o lucro do centro das nossas relações e colocar o cuidado.

Já tem no seu currículo o Podcast do Atreva-se, onde já foram entrevistadas mais de **90 mulheres e pessoas que friccionam as narrativas vigentes**, a cada episódio a convidada escolhe um livro e falamos sobre o abismo que ele causou, temos uma **curadoria de arte feminista**, feita pela Alessandra Rodrigues, que acontece toda a sexta feira em nossas redes, textos, cursos palestras e a criação de dois jogos: **“Nomear para combater”** e **“Histórias para quem dormir?”** (Que vem sendo jogados com adolescentes da rede publica desde 2016).

Do primeiro jogo, o nomear para combater, nasceu um livro **“nomear para combater- uma tentativa de organizar a raiva para virar pensamento”** e do segundo, histórias para quem dormir?”, nasceu o livro **“Histórias para quem dormir? Violência não é amor. Usando a raiva para expor os contos de fadas”**, ainda em fase de finalização.

Cada uma dessas ferramentas nos serve como **metodologia**, a ideia que une cada uma delas é criarmos frestas, espaços, desculpas para falarmos sobre opressão, patriarcado e principalmente, criar espaços para a construção de um pensamento crítico que nos faz sonhar com a possibilidade de um mundo melhor.

É nessa esteira que escolhemos criar mais uma ferramenta, dessa vez um **(per) curso**.

# (per) curso: Histórias para quem dormir?

As histórias que nos fizeram dormir, agora podem nos fazer despertar! O nosso maior objetivo com esses encontros é poder desvendar algumas das armadilhas que o patriarcado capitalista usa para que a gente se enrede em suas tramas e ainda chame isso de natural. E as princesas utilizadas pela indústria cinematográfica tem um papel importantíssimo nisso! Como sabemos, o patriarcado veio há bastante tempo antes do capitalismo, mas eles deram um "match" e, desde que se encontraram, nunca mais se largaram.

Hoje se utilizam das mesmas ferramentas para se manterem no espaço da ideologia vigente, a indústria do entretenimento é uma delas.

**Nesses encontros vamos entender como histórias que ocupam o nosso imaginário, nossa subjetividade e nossos afetos, vão enunciar o modo como devemos nos comportar, sonhar, desejar e vão normalizando violências, silenciamentos e opressões. E aí poder atuar sobre elas.**

Esse é um **(per) curso** para compreendermos como os filmes de princesas nos atrapalham um bocado!

*"uau, mesmo eu tendo um pensamento crítico sobre as princesas, o jogo revela a estrutura do patriarcado, não é sobre princesas, é sobre nós."*

**Fabiola Hass**



# Cada princesa será abordada em 3 etapas:

A primeira é dedicada a nos lembrarmos da história do filme, na segunda falamos em como é a leitura do Movimento Atreva-se e na terceira criamos situações cênicas para revelar o impacto da narrativa do filme no nosso cotidiano!



## **Branca de Neve.**

O que o filme nos ensina sobre racismo, etarismo, capacitismo e, para citar Silvia Federici, sobre "o que vocês chamam de amor é trabalho gratuito para o capital".

Vamos pensar também sobre o quanto é conveniente para o patriarcado capitalista que um corpo inerte de uma moça, não só pode como deve ser violado.

Se for para alguma coisa ser verdade que sejam os bichinhos que ajudam no trabalho cotidiano, o príncipe encantado, passamos!



## **Cinderela.**

Será que a competição entre mulheres existe ou foi construída como ferramenta patriarcal? Uma festa para um homem escolher entre TODAS AS MULHERES DE TODOS OS REINOS com quem ele vai se casar, ser escolhida não é uma espécie de premiação? Simone de Beauvoir fala lindamente sobre isso no "segundo sexo".



## **A Bela e a Fera.**

Essa é uma história que usamos para falar sobre relacionamentos abusivos, cárcere privado, a relação de afeto e violência, além de pensarmos sobre a responsabilidade dela em reinserir a Fera na sociedade.

Quem nos guia é Flávia Biroli com o seu "gênero e desigualdades- o limite da democracia no Brasil".

Essa é uma história para contarmos para a polícia, não para as crianças, não?

"Disney é um tanto perversa  
com a nossa cultura  
moderna"

**Martyn Griffin**

Fonte.



### **A Pequena Sereia.**

Esse é o filme que as adolescentes amam. Ela parece independente, insubordinada, ousada, sedenta pela liberdade, mas resulta que para se casar e atingir a tal liberdade (oi?) ela perde a cauda e a voz.

Ela deixa de ser quem ela é para viver um amor com um rapaz desconhecido. Aqui também tocamos no conceito bastante importante do "negroceno" criado por Martim Ferdinand em resposta ao "antropoceno". Já que o que é considerado "civilização" são os colonizadores, esse tema nos parece bastante pertinente.



### **Jasmine (Aladin) e Tiana (a princesa e o sapo).**

Vamos falar sobre racialização, sobre como não brancos são retratados nos filmes da Disney, além de pensarmos sobre a retirada da condição de sujeito da que era a única "princesa negra da disney" que, 75% do filme ela é um sapo!

Sobre a Jasmine pensaremos juntas em como é possível criar um "homem ideal" que mente para a sua amada do começo ao fim do filme, e ainda assim ele é uma homem digno do amor dela.

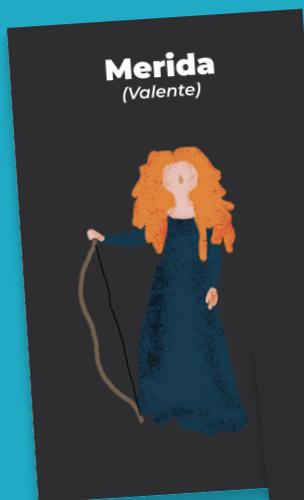
Quem nos guiará neste encontro será bell hooks com o seu belíssimo "tudo sobre o amor".



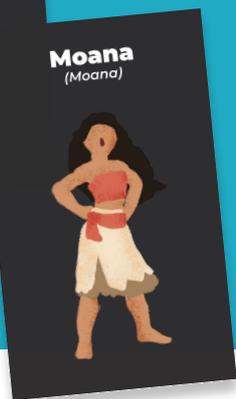


(per)curso

# HISTÓRIAS PARA QUEM DORMIR?



**Merida**  
(Valente)



**Moana**  
(Moana)

## Valente e Moana.

Quando o amor romântico não cola mais, dá-lhe meritocracia! Entramos no reino "das princesas modernas".

Como sabemos o capitalismo não tem ideologia e faz qualquer negócio para transformar pautas e movimentos contrários a ele em produto, as princesas modernas nos contam sobre essa empreitada. Além, é claro, de manter tudo onde está para usufruto dos representantes do poder patriarcal (também conhecido como capangas)

Sohaila Abdudali com o seu "do que estamos falando quando falamos de estupro" será nossa bússola.



**Elza**  
(Frozen)

## Elza (Frozen)

Esse filme nos conta como a relação de afeto e violência é nociva não apenas quando se trata de amor romântico, dentro de casa elas também são bem perigosas. Para nos acompanhar nesse encontro, convidamos o Calibã e a Bruxa, da Silvia Federici.

Estratégias, conclusões, insights e abismos.

Sara Ahmed e seu "para viver uma vida feminista" nos ajudará a construir umKit de sobrevivência feminista, que no livro "Nomear para Combater- uma tentativa de organizar a raiva para virar pensamento" a autora Nicole Aun, chama de "algibeira".

# HISTÓRIAS PARA QUEM DORMIR?

## Contato

11 989711233

[nicoleoatrevase@gmail.com](mailto:nicoleoatrevase@gmail.com)



## Nicole Aun

Diretora de Teatro, roteirista, ativista feminista, escritora e educadora social.

Autora dos livros “Nomear para Combater- uma tentativa de organizar a raiva para virar pensamento” ed. Claraboia, selo Atreva-se. E “Histórias para quem dormir?- violência não é amor. Usando da raiva para expor os contos de fadas” em parceria com Alessandra Rodrigues, ainda em fase de finalização.

Co-fundadora do Movimento Atreva-se! Uma das criadoras dos jogos “Nomear para Combater” e “Histórias para quem dormir?”

Formada pelo Teatro Escola Célia Helena (1997), foi diretora de cultura da Casa de Cultura Cora Coralina, em Araçariçuama. Dirigiu os espetáculos: “Escandinavos”, de Dênio Maués, com Andrea Tedesco, “Todos os Meus”, de Marina Tranjan, com a companhia Auto Retrato, “O que refletem esses pedaços”, inspirado na filmografia do cineasta sueco Ingmar Bergman; “Todas elas”, texto elaborado a partir de fatos e depoimentos de mulheres da América Latina; “Pau, Brasil!”, uma farsa que conta a história do Brasil; “Mau ditas”, um cabaré que conta a história da mulher sob o ponto de vista da prostituta. Fez assistência de direção para Marco Antonio Rodrigues nos espetáculos “Por cima estrelas, por Baixo...” e “Antígone”, para Reinaldo Maia nos espetáculos “O Banho” e “Pavilhão 5”, (com Reinaldo Maia também desenvolveu um trabalho com a Cia de Teatro da Monte Azul, por 5 anos); para Paulo Autran em “Encontro/ espetáculo com Ariclê Peres, Emílio DiBiase no espetáculo “Madame Shakespeare”, de 2011 a 2014 atuou como assistente de direção de Cacá Carvalho na Casa Laboratório para as Artes do Teatro com os espetáculos “Estudo Hamlet e “A Ingratidão é Fria Como o Mármore”.